

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

LUZNIR CRIS SILVA GOMES

**AMOR, LIBERDADE E PERTENCIMENTO: A PEDAGOGIA DA ÉTICA AMOROSA
DE BELL HOOKS NO PROCESSO EDUCATIVO**

São Luís – MA

2025

LUZNIR CRIS SILVA GOMES

**AMOR, LIBERDADE E PERTENCIMENTO: A PEDAGOGIA DA ÉTICA AMOROSA
DE BELL HOOKS NO PROCESSO EDUCATIVO**

Monografia apresentada como requisito
parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Filosofia da
Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dra. Maria Olívia Serra

São Luís – MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva Gomes, Luznir Cris.

Amor, liberdade e pertencimento : a pedagogia da ética amorosa de bell hooks no processo educativo / Luznir Cris Silva Gomes. - 2025.

54 f.

Orientador(a): Maria Olívia Serra.

Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Bell Hooks. 2. Ética Amorosa. 3. Educação Libertadora. 4. Estruturas Opressoras. I. Serra, Maria Olívia. II. Título.

LUZNIR CRIS SILVA GOMES

**AMOR, LIBERDADE E PERTENCIMENTO: A PEDAGOGIA DA ÉTICA AMOROSA
DE BELL HOOKS NO PROCESSO EDUCATIVO**

Monografia apresentada como requisito
parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Filosofia da Universidade
Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dra. Maria Olilia Serra

Data da aprovação: 07 / 08 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Maria Olilia Serra– DEFIL/UFMA (Orientador)

Profª Dra. Marly Cutrim de Menezes – DEFIL/UFMA

Profº Dr. Acildo Leite da Silva– DE2 /UFMA

Dedico às minhas amadas avó e bisa, Maria da Conceição dos Santos Silva (in memoriam) e Rosa Chaves (in memoriam). Não há um dia sequer que eu não pense em vocês. Obrigada por todo amor.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar estes agradecimentos compartilhando um ensinamento que carrego comigo ao longo da vida: a importância da gratidão e o reconhecimento de que ninguém chega a lugar algum sozinho. Sou profundamente grata por cada pessoa, por cada gesto e por cada força que me conduziu até aqui. Concluir a graduação em Filosofia não foi um caminho fácil.

Reconheço que, sendo oriunda de uma família negra, pobre e periférica, ocupar esse espaço representa muito mais do que uma conquista individual: é uma ruptura com barreiras históricas e sociais. Sei o quanto o sistema tenta nos desmotivar a sonhar, a acreditar que o ensino superior também é para nós. Em muitos momentos, nossos sonhos parecem inalcançáveis. Mas eu nunca deixei de sonhar ou de ter esperança.

Falo de um lugar que habito: sou uma mulher negra. Por vezes, duvidei da minha força, questionei a minha capacidade intelectual. Assim como me senti insegura e diminuída. E hoje compreendo o quanto essas dores atravessam questões raciais. Me reconheço nas mulheres negras que estudo e também nas tantas outras que fazem parte da minha vida.

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me sustentou em cada passo dessa caminhada. Foi Ele quem me ouviu, me atendeu, e me deu luz quando tudo parecia escuro. Quando pensei em desistir, Ele esteve lá, firme, para me fazer seguir.

Em segundo lugar, agradeço à minha mãe, meu maior exemplo de força, coragem e amor. Mãe, obrigada por facilitar tanto o meu caminho, por me incentivar a sonhar, por me encorajar a acreditar em mim quando por tantas vezes eu não acreditava. Você segurou a minha mão firmemente e me fez enxergar minha grandeza. Todas as oportunidades que a senhora não teve você me proporcionou com muita luta e sacrifício. Essa graduação é também sua. Esse título é nosso. Você sempre me deu uma visão positiva de amor, você me ama na ação, no compartilhamento, na admiração, na generosidade. Eu te amo muito, obrigada por tudo, e eu tenho muito orgulho da mulher gigante que você é.

À minha irmã Loyane, minha luz em tantos momentos: obrigada. Você é uma mulher incrível, que admiro profundamente. Juntas estamos ressignificando a história da nossa família. De muitas palavras que você sempre me deu em nunca

esquecerei desta frase: “Nunca esqueça que você sabe o que é o amor, pois a gente te ama. Acredite nisso e se encoraje para enfrentar os desafios da vida. Por favor, se veja com mais amor, carinho e grandiosidade” Eu te amo muito, irmã.

Meu pai também merece aqui meu mais sincero agradecimento. Lembro com carinho do dia em que fui fazer a prova do Enem: a moto em que estávamos parou no caminho e, mesmo atrasados, ele insistiu. Empurrou a moto até o motor pegar e ela estava muito devagar, até que conseguimos chegar no local. E foi justamente nessa edição do Enem que eu ingressei no curso de Filosofia, em uma universidade federal. Obrigada por tanto pai, aliás gostaria de enfatizar aqui que meu pai é um homem negro que não consegue expressar muito os sentimentos dele por palavras, mas por formas de ação. A vida dele também não foi fácil por muitos motivos. Por isso, é importante olharmos os nossos pais com mais cuidado e carinho, para além de ser nossos pais. Eu te amo muito pai, obrigada por tudo.

Agradeço ao meu namorado, Andrey, que surgiu em minha vida como um verdadeiro presente de Deus. Eu te amo, meu amor. Com você, descobri sonhos que nem sabia que podia sonhar. Obrigada por ser apoio, presença e encorajamento. Que sigamos juntos, na construção de uma vida com afeto, parceria e realização.

Aos amigos e amigas que me acompanham, de perto ou de longe: meu muito obrigada! Cada um de vocês tem um lugar especial na minha vida. Agradeço especialmente à Samyra, Maysa, Catharina, Lucile e Mariana, minhas amigas desde à infância e adolescência, eu amo muito vocês, obrigada por todo amor compartilhado. Fico feliz por vocês fazerem parte desse momento, mal posso esperar para participar das múltiplas conquistas e realizações de sonhos de vocês. Obrigada por torcerem e estarem lá por mim em todos os momentos da minha vida.

Por fim, agradeço à minha orientadora, professora Olilia, por ter acreditado neste trabalho, por possibilitar que pudéssemos falar de hooks (essa mulher negra tão forte e potente) que, mesmo não sendo diretamente da Filosofia, tem contribuições profundas para repensar essa área. Obrigada, professora, por cada incentivo, apoio e acolhimento. Que a Filosofia siga transgredindo os paradigmas hegemônicos, opressores e embranquecidos.

“A educação é o ato de socializar com as novas
gerações os conhecimentos historicamente
produzidos”.

Bárbara Carine.

RESUMO

A teórica Bell hooks, desenvolveu suas teorias e escritos em um contexto profundamente marcado pela segregação racial estadunidense. Como uma mulher negra, Hooks tinha conhecimento da importância de estar em um local de poder, especialmente como professora universitária em um ambiente predominante branco. Ao longo de sua vida, enfrentou intensamente os efeitos do racismo e frequentemente destacava o quanto essas experiências moldaram de forma profunda sua trajetória pessoal e profissional. Reflete, assim, sobre os desafios de construir uma educação alicerçada no diálogo crítico, a partir de sua própria vivência. hooks, acreditava na educação como uma ferramenta de emancipação, resistência e transformação social. A chave de tudo isso poderia ser a ética amorosa aplicada à educação, o amor é o elemento central para o aprendizado e para o dismantelo das estruturas opressoras. A proposta dela é uma educação comprometida com o questionamento do status quo, na luta contra o racismo, machismo, misoginia, sexismo e todas as formas de opressão. Que a educação fosse esse espaço que possibilitasse a descolonização, o pertencimento, a valorização das diferenças e o reconhecimento da importância de cada ser humano no mundo. Ela vislumbrava contextos educacionais preparados para reagir às violências impostas pelos sistemas de dominação sobre os grupos oprimidos. Com base nessas premissas utilizou-se uma metodologia qualitativa, de caráter descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica de obras de hooks e alguns outros teóricos como Freire, Bárbara Carine e muitos outros. Os principais resultados obtidos aqui é que existem muitos desafios para possibilitar uma educação que transgrida os conhecimentos, mas isso é possível aos poucos com algumas práticas pedagógicas como o letramento racial, questionamento das estruturas opressoras, reconhecimento da importância dos professores e alunos nas construções dos conhecimentos e entre outros.

Palavras-chave: Bell hooks; ética amorosa; educação libertadora; estruturas opressoras.

ABSTRACT

The theorist bell hooks developed her theories and writings in a context deeply marked by U.S. racial segregation. As a Black woman, hooks was aware of the importance of being in a position of power, especially as a university professor in a predominantly white environment. Throughout her life, she intensely faced the effects of racism and often emphasized how these experiences profoundly shaped her personal and professional trajectory. She thus reflects on the challenges of building an education grounded in critical dialogue, based on her own lived experience. hooks believed in education as a tool for emancipation, resistance, and social transformation. The key to all of this could be the ethic of love applied to education—love as the central element for learning and for dismantling oppressive structures. Her proposal is an education committed to questioning the status quo, in the fight against racism, sexism, misogyny, and all forms of oppression. That education should be this space that enables decolonization, belonging, valuing differences, and recognizing the importance of every human being in the world. She envisioned educational contexts prepared to respond to the violence imposed by systems of domination on oppressed groups. Based on these premises, a qualitative, descriptive methodology was employed, grounded in a bibliographic review of works by hooks and some other theorists such as Freire, Bárbara Carine, and many others. The main results obtained here show that there are many challenges to enabling an education that transgresses established knowledge, but this is possible gradually through some pedagogical practices such as racial literacy, questioning oppressive structures, recognizing the importance of teachers and students in the construction of knowledge, among others..

Keywords: bell Hooks, love ethic, liberating education, oppressive structures.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2 A ÉTICA AMOROSA ENQUANTO VEÍCULO SOCIAL.....	14
3 A EDUCAÇÃO LIBERTADORA E TRANSGRESSORA COMO POTENCIALIZADORAS DE EXISTÊNCIAS.....	18
3.1 O medo e a resistência em enfrentar o desconhecido.....	20
3.2 As articulações de Freire e Hooks acerca da educação pautada na conscientização.....	22
3.3 O processo da educação libertadora e a importância da esperança.....	26
4 REPENSANDO O CHÃO DA ESCOLA: A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO DESCOLONIAL.....	28
4.1 Sobre o corpo enquanto ferramenta educacional e política.....	31
4.2. A integralização e o pertencimento.....	33
5. A ESCOLA MARIA FELIPA DE BÁRBARA CARINE ENQUANTO PROPOSTA DE ENSINO DESCOLONIAL.....	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
7. REFERÊNCIAS.....	50

1. INTRODUÇÃO

Nascida com o nome de Gloria Jean Watkins adotou o pseudônimo bell hooks, em homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks. Na qual ela definiu como uma mulher de língua afiada, que falava o que vinha à cabeça, que não tinha medo de erguer a voz. A escrita do nome é em letras minúsculas, pois hooks acreditava que suas ideias deveriam ter mais ênfase, dando mais importância ao conteúdo do que ela mesma enquanto pessoa.

A professora, escritora, ativista e teórica negra nasceu em em 1952 em Hopkinsville, uma cidade rural do estado de Kentucky, no sul dos Estados Unidos. Hooks se formou em literatura inglesa na Universidade de Stanford, fez mestrado na Universidade de Wisconsin e doutorado na Universidade da Califórnia. Seus principais estudos estão dirigidos à discussão sobre raça, gênero e classe e às relações sociais opressivas, com ênfase em temas como arte, história, feminismo, educação e mídia de massas.

Na infância, hooks, estudou em escolas públicas para crianças negras, pois nos Estados Unidos havia escolas que praticavam o apartheid, segregação racial. Quando ela se tornou adolescente, passou para uma escola integrada, onde era discriminada constantemente, essa instituição era majoritariamente composta por pessoas brancas. Ao longo de sua vida hooks questionou os sistemas de dominação e opressão, enquanto mulher e negra ela sabia a importância da educação em sua vida. Ela se inspirou em várias figuras como Martin Luther King, Malcom X, Eric From e Paulo Freire. Este último inspirou ela no desenvolvimento de seus escritos tais como *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*, *Ensinando pensamento crítico e entre outros*. Ambos partilhavam uma visão de educação emancipadora, reconheciam a sala de aula como um espaço de resistência e um ato político. A educação era a chave para libertar os oprimidos dos sistemas de opressão eurocêntricos e extremamente preconceituosos. Nesse sentido, a conscientização dos indivíduos é essencial para a transformação social.

hooks sofreu muitas críticas durante a sua carreira, sendo acusada inclusive por outras feministas de não ser “acadêmica o suficiente”. Tudo isso porque ela não

se curvava diante dos padrões tradicionais da educação. No fundo hooks sabia que esse ataque era direcionado à ela por ela ser uma mulher negra, ter uma postura questionadora e ser extremamente reconhecida e competente. Tanto que as críticas vinham sempre de pessoas brancas. hooks desenvolve uma ética no *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Nesse sentido, é oportuno expor que a ética amorosa, proposta por bell hooks, suleia o amor enquanto centralidade da vida e de tudo que a compõe. Seguindo por esse caminho, no pilar dessa teoria está o amor, que é colocado enquanto conduta ética de vida, onde é enfatizado que todos os seres humanos sobrevivem e vivem em sociedade por meio da coletividade. Sendo assim, a problemática geral abordada nessa pesquisa é desenvolvida na integralização de uma ética amorosa na prática educativa transgressora.

Diante disso, é relevante discutir sobre a importância da educação transgressora como uma possível ferramenta de desconstrução da educação centralizada nos padrões europeus e de dominação. Com isso, pensa-se em uma educação de caráter multicultural, que possibilite mudanças internas e externas, garantindo a emancipação e o desenvolvimento da subjetividade tanto dos professores quanto dos alunos. Não só isso, mas uma educação que repense e analise o chão da escola.

A educação amorosa criará um ambiente de ensino-aprendizagem onde as diferenças de classe, raça, gênero e cultura sejam discutidas e enxergadas. Essa educação propõe um conhecimento que ensina a transgredir, tanto os pensamentos como as formas de ensino, assim como desafia e questiona o status quo de dominação e opressão. Dessa forma, o ensino deve estar focado em uma pedagogia crítica que promova a liberdade, criatividade e reflexão sobre si e sobre o outro. Por isso, torna-se essencial entender como a ética amorosa pode ser trazida para diversos âmbitos, nesse caso o educacional, e como o amor deverá ser transformado em veículo social e não simplesmente ao mero sentimentalismo.

Na literatura e na práxis filosófica são encontrados desafios e dificuldades na aplicação da pedagogia crítica na sala de aula, esse cenário fortalece o desenvolvimento do presente estudo. O contexto educacional não é um paraíso, mas a educação pode ser um recurso de mudança desse cenário, como diz hooks. Mesmo com diversas limitações, a sala de aula continua sendo um ambiente de possibilidades, onde é possível transgredir barreiras que direcionam para uma educação libertadora.

Portanto, o presente trabalho de conclusão de curso abordará as seguintes perspectivas: 1) a ética amorosa enquanto veículo social. 2) A educação libertadora e transgressora como potencializadora de existências 3) Repensando o chão da escola: a possibilidade de uma educação descolonial. 4) A escola Maria Felipa de Bárbara Carine enquanto proposta de ensino descolonial. O estudo foi realizado através de uma análise bibliográfica das obras *Ensinando a Transgredir: a educação como Prática de Liberdade*, *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, *Ensinando pensamento crítico*, como também de outras obras de autores que se articulam ao eixo principal da pesquisa e que destaca, a partir de uma interpretação hermenêutica, aspectos contextuais, filosóficos e históricos.

2 A ÉTICA AMOROSA ENQUANTO VEÍCULO SOCIAL

A autora bell hooks¹ propõe uma ferramenta chamada de ética amorosa, desenvolvida no livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tal proposta objetiva a criação de um âmbito de cuidado genuíno entre os seres humanos, possibilitando um vínculo de confiança entre cada um. Nessa ética, o amor entra como uma ética de vida, que permite a libertação, a potência e o encorajamento, onde cada indivíduo sobrevive por meio da ligação com o coletivo. Ou seja, cada ser humano precisa um do outro para conseguir se constituir enquanto pessoa e sociedade

Vale ressaltar que hooks (2020, p.55) critica a forma que as estruturas opressoras relacionam o amor ao sentimentalismo. Porém, na realidade o amor é uma ação, que gerará um comportamento e esse comportamento deve ser praticado na medida que ele seja pensado em quais consequências ele possa trazer para si e para o outro. Sendo assim, analisando o âmbito educacional é preciso entender que o relacionamento entre professor e aluno está além de uma relação de poder. Na verdade, é uma troca mútua, onde cada um pode tanto ensinar como também aprender. hooks fala especificamente no livro *Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade* sobre uma proposta de ensino transgressor, que até pode ser definido como um tipo de educação horizontal. Ou seja, leva em conta que professores e alunos são construtores do conhecimento e aprendizagem, o diálogo é parte fundamental para a criação de uma educação libertadora.

hooks (2020, p.21) tem como objetivo transformar a sociedade por meio da prática amorosa. Torna-se essencial que ocorra um afastamento dos paradigmas eurocêtricos, coloniais, embranquecidos que construíram a sociedade atual. Com a ética amorosa pretende-se (re) direcionar as ideias de cada ser humano e possibilitar à prática rumo à ancestralidade e liberdade. Nesse sentido, é relevante refletir a possibilidade de utilizar essa ética onde esta pode ser um elemento-chave para uma educação pautada no amor, afeto, equidade e integralização. Com essa ética pode ser possível criar um local de ensino-aprendizagem que leve em conta as

¹ A escrita em letras minúsculas será respeitada aqui, considerando a licença poética de bell hooks e também ao seu pedido de que suas ideias tivessem mais ênfase que sua identidade pessoal.

diferenças sociais, culturais, raciais e singularidades de cada aluno. A ética amorosa colocará o amor como pilar central para a prática pedagógica, como também o bem comum. O espaço educacional deve promover uma conexão entre professoras e alunos, não só de ensino-aprendizagem, mas de amor, confiança e potencialidade. (Campos, 2023, pag. 29)

Essa ética é relacional e coloca em ênfase a construção de relações saudáveis e respeitadas. Quando os alunos se sentem mais respeitados e ouvidos, eles podem se mostrar mais dispostos a aprender e a participar da composição de conhecimentos. Sobretudo, entende-se que uma professora exerce grande influência na vida de um aluno. Por isso, é necessário promover um modelo pautado no respeito e confiança, capaz de inspirar os alunos a agirem da mesma maneira.

A sala de aula pode servir também como um espaço de afirmação e reafirmação da autoestima de alunas e alunos e isso extrapola um viés estético. Em diversos locais, educacionais ou não, muitos alunos e alunas, especialmente negros, são influenciados a desacreditar de suas capacidades e de seus conhecimentos, nota-se então um racismo institucional muito presente e inquestionável. Em relação a isso, hooks (2020, p.96) fala sobre a importância do processo de autoaceitação e autoafirmação. Porém, esse processo não é fácil, pois a todo momento há uma voz externa ou interna que coloca muitas pessoas negras em lugares de negatividade e inferioridade, não cabendo à educação ser um reforçador disso.

Em vários de seus escritos, hooks (2020, p. 113) defende e valoriza a visão de Martin Luther King sobre o amor². Ele reconhece o amor, o qual ele denomina de ágape, enquanto força transformadora na luta contra a opressão. Para ele o amor é essencial para superar o ódio e as desigualdades. Não só isso, mas ele acreditava que é necessário envolver-se com o opressor de uma maneira a mostrar para ele que suas ações desumanizam e prejudicam a sociedade. Esse amor é uma prática ativa, uma ação ética que exige a resistência. A transformação da sociedade

² Martin Luther King em "Amar os Inimigos" em "Força para Amar" definiu o amor enquanto um amor de Deus, um amor cristão, expresso pela boa vontade compreensiva e criadora. Ele acreditava que cada ser humano deve amar o outro, porque Deus ama a todos, então deveríamos pensar na coletividade. O autor vai além ao explicar que é possível amar alguém e detestar uma ação ruim que aquela pessoa pratica. Vale ressaltar ainda que existe uma compreensão grega sobre a existência do amor. Classificado em: Eros, Philia e Ágape. Eros seria compreendido como amor romântico, desejo sexual e paixão. Philia representa o amor da amizade, carinho, lealdade entre amigos. Por fim, ágape é o amor incondicional, altruísta e divino. Esse último é frequentemente associado ao amor de Deus pelo próximo, à humanidade.

começa a acontecer quando ocorre uma mudança interna nas pessoas e essa é a chave para a promoção do desmantelamento de muitas estruturas de opressão, muitas dessas estruturas podem ser uma educação, política, sociedade com padrões eurocêntricos, colonizados e entre outros.

A grande questão que hooks (2020, p. 48) levanta é que o medo pode ser um empecilho para que haja confiança no amor. As culturas de dominação se apoiam no cultivo do medo como uma forma de manter a obediência. O medo é o que mantém muitas estruturas de opressão. A escolha de amar é ir contra o medo, contra tudo que aliena e separa as pessoas. A prática da ética amorosa é uma escolha por conexão e encontro com o outro e pode ser um tipo de ferramenta didática na sala de aula por se afastar de técnicas punitivistas³ na educação. hooks fala da importância da consciência, isso envolve em examinar criticamente as ações que tomamos e a forma que isso impactará o outro.

Segundo Costa (2021) O amor, o Eros, permite a integração do corpo e da mente, é esse encontre ao coletivo. Dessa maneira, é preciso entender que praticar o amor e cultivá-lo nas relações entre professores (as) e alunos (as) é tanto possível quanto necessário. Por fim, o Eros abrirá caminho para a construção de uma sala de aula que valorize e reconheça a particularidade de cada aluno, permitindo assim um processo de ensino e aprendizagem satisfatório.

A autora hooks (2020) no livro *Ensinando pensamento crítico* desenvolve o seu próprio conceito de Eros. Inclusive ela afirma a existência de um Eros na sala de aula. O Eros aqui não é no sentido de sexualidade e sim no que move o ser humano em direção ao outro, o que falta em si ou o que transcende, na coletividade. Corresponde a esse movimento de ir em direção ao outro. hooks (2020) levanta uma proposta de pedagogia apaixonada, ela esclarece:

Uma pedagogia apaixonada é capaz de acender a energia erótica em qualquer contexto. Ela não pode ser policiada ou banida. Essa energia erótica pode ser usada de forma construtiva tanto em relacionamentos individuais quanto no contexto da sala de aula. Assim como é importante que estejamos atentos para desafiar os abusos de poder em que o erótico se torna terreno de exploração, é importante reconhecermos esse espaço

³ Algumas técnicas punitivistas são repreender e ridicularizar os alunos, isolamentos, castigos verbais, físicos e entre outros.

onde a interação erótica é favorável e positivamente transformadora. Porque somos corpos em uma sala de aula, nossa libido está presente também. Ainda assim, o que com frequência é esquecido é que a libido pode ser expressa como energia emocional e psíquica que pode ser gerada sexualmente. (Hooks, 2020, n.p)

Ou seja, cada ser humano é um corpo emocional, que deseja tanto ensinar como aprender. A própria hooks (2020) evidencia em seus escritos, a importância de ensinar não só por ensinar, mas ensinar com entusiasmo, paixão e entrega. O professor e a professora podem se sentir muito afetados por uma turma e vice-versa. Essa é uma troca de energia que possibilita o aprendizado. Sendo assim, o Eros pode ser essa força vital que move e auxilia o processo educativo.

O amor articulado à educação, portanto ética amorosa, tem como objetivo possibilitar a mudança, ele dará uma nova visão aos métodos pedagógicos. Ele criará condições para os alunos se desenvolverem, sobretudo aqueles historicamente marginalizados. Essa tarefa de educar com o amor por muitas das vezes é vista com certa resistência. Diversos (as) professores (as) têm um medo de se envolver demais com os dilemas dos alunos. Isso ocorre por conta da visão de amor equivocada que o Status Quo⁴ promoveu, onde o amor é tido como sem limites, nocivo, abusivo, enlouquecedor e deixa as pessoas bobas. hooks (2020, p.33) justifica que a educação amorosa possibilitará uma compreensão mais profunda das capacidades e limitações dos alunos. Pois, isso facilitará que os alunos sejam vistos como indivíduos existentes no mundo e não simplesmente objetos. Sendo assim, com a pedagogia do amor os alunos e alunas poderão assumir uma postura responsável e importante no processo de aprendizagem e não serão mais tão dependentes do professor.

O professor e a professora em um lugar de liderança tem a possibilidade de iniciar um clima de amor na sala, talvez eles estejam na posição mais fácil possível de ser visualizado e escutado. Quando eles promovem um ambiente amoroso, possibilitam que os alunos também promovam. Toda relação amorosa empodera as pessoas envolvidas, pois é uma prática mútua de parceria. Por isso a importância de

⁴ O status quo corresponde ao estado atual das coisas, de um sistema ou situação política, relações sociais etc. Em diversos momentos hooks critica esse sistema à qual ela também define enquanto estrutura opressora ou cultura de dominação.

amar, tanto fora da sala quanto dentro dela. hooks em *Ensinando pensamento crítico*, fala da própria experiência dela e de suas relações com seus alunos e alunos, que eram muito positiva por sinal e isso facilitava a participação deles, assim como cada um sentia que poderia acreditar em si mesmo. Com isso, muitos alunos negros, principalmente, enxergavam hooks como uma referência de intelectual negra que estava em um espaço de destaque.

3 A EDUCAÇÃO LIBERTADORA E TRANSGRESSORA COMO POTENCIALIZADORAS DE EXISTÊNCIAS

No livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, hooks discorre sobre a estrutura do âmbito educacional. Nesse espaço educativo, a autora critica o conhecimento focado somente no depósito de informação, esse processo é chamado de educação bancária⁵. Ou seja, os alunos e alunas somente irão memorizar os conteúdos e não refletir sobre eles. Além disso, a autora expõe que existem muitos professores e professoras que têm dificuldade em se comunicar de maneira atualizada e isso acaba por fortalecer o sistema de dominação de padrões eurocêntricos e preconceituosos.

Segundo Ladeira (2019) os educadores e as educadoras precisam confrontar suas práticas quando elas causam cerceamento do corpo e da mente do outro, o conhecimento tem que ser visto como liberdade e não prisão. Aliás, Foucault (1987) aponta em *Vigiar e Punir* as formas de controle nos espaços escolares⁶. Muitas escolas têm um controle manipulador⁷ sobre os indivíduos presentes, isso se dá principalmente por meio da educação tradicional e embranquecida⁸. Os professores e professoras acabam por virar um instrumento de controle sobre os alunos, a

⁵ Essa expressão Educação Bancária foi desenvolvida por Paulo Freire, foi inicialmente formulada no seu livro *Pedagogia do Oprimido*. A educação bancária refere-se ao modelo de educação tradicional, o professor somente deposita os conteúdos nos alunos que são vistos enquanto recipientes.

⁶ A reflexão de Foucault oferece um panorama interessante acerca da forma que as instituições escolares também tem um comportamento de fabricar um tipo determinado de indivíduo. Nisso, cada corpo tem que ser o mais dócil possível para poder ser manipulado e utilizado, objetiva-se assim a impossibilidade de criação de grupos perigosos ou articulados, ou seja críticos.

⁷ Esse controle manipulador pode ser atrelado a determinados comportamentos, pensamentos, ideias, é como se muitas escolas formassem os alunos a serem e agirem de uma maneira específica, colonizada, eurocêntrica etc.

⁸ Uma educação tradicional e embranquecida é aquela que somente apresenta um currículo escolar formulado e fundamentado por intelectuais, teóricos e historiadores brancos. Apresenta que somente eles construíram os conhecimentos do mundo.

apropriação de conhecimentos se tornam um flagelo e os corpos se tornam dóceis. O corpo humano entra em uma espécie de maquinaria de poder⁹, que o desarticula e o recompõe. A educação acaba por se tornar uma ferramenta que cercea, pune e impossibilita a libertação do aluno e isso pode ser desarticulado de muitas formas possíveis. hooks e Freire acreditam plenamente que a educação libertadora possibilitará isso.

hooks (2017) fala de uma diferenciação de tratamento, especificamente no âmbito universitário, predominantemente branco, onde muitos alunos negros e alunas negras são levados a acreditar que não pertencem aquele lugar. Portanto, é percebido que muitos sentem que não estão lá para aprender, mas sim “provar” que são tão bons como os (as) alunos (as) branco s(as). Com isso, constata-se um racismo predominante que faz com que a intelectualidade negra sempre esteja sendo avaliada ou até mesmo não reconhecida. Os sistemas de dominação criam mecanismos para a experiência de ensino e aprendizagem de muitos grupos marginalizados serem dificultadas. Como também, que a presença e a manutenção delas nesses espaços não seja algo possível de ocorrer.

Ao articular à noção de amor à educação libertadora, o próprio Freire (1992) acreditava que a educação é um ato de amor, não só isso mas um ato de coragem. Entre professoras e alunas e alunos não se pode temer o debate. Em virtude disso, a educação libertadora está comprometida com a transformação da sociedade. A sala de aula pode ser um espaço de acolhimento e conforto, onde o aluno e a aluna consigam reconhecer o quanto esse lugar pode ser motivador.

Dentre as possibilidades de motivação, hooks (2017, p.16, p.17) explica que embora na obra de Freire não seja mencionada a noção de prazer em sala de aula, isso deve ser considerado como um componente do processo de ensino-aprendizagem. Os alunos, alunas, professores e professoras devem ser incentivados ao entusiasmo de aprender e ensinar. Apesar dela falar especificamente do entusiasmo no ensino superior, ele pode ser pensado também no ensino fundamental e médio. Em muitos momentos hooks fala que a educação é um momento de ruptura, desconstrução, um pensar e repensar contínuo. Estimular o entusiasmo é um ato de transgressão, é compreender que a ideia de aprender pode ser empolgante ou até mesmo divertida.

⁹ Refere-se a um conjunto de mecanismos, discursos ou instituições que exercem poder sobre os indivíduos e também sobre a sociedade.

O conhecimento e a aprendizagem devem ser construídos de maneira coletiva. Por isso, a participação do aluno e da aluna na sala de aula é tão essencial, o entusiasmo não é gerado só pelos professores e professoras, mas o entusiasmo nasce de um esforço que deve ser feito em comunidade. Torna-se perceptível que esse ensino de transgressão não acontece só pela vontade e desejo do professor e da professora, precisa-se ter um esforço coletivo para que isso seja colocado em prática.

A própria hooks reflete em *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática* a existência de um esquema de conteúdos que é duro, fixo e absoluto, ela objetiva que o ensino e aprendizagem não deve ocorrer da mesma maneira. Pois, isso refletiria em um ensino-aprendizagem proveniente em uma educação bancária e não libertadora e crítica. Na educação libertadora há a expectativa que os esquemas podem ser flexíveis e levar em conta possíveis mudanças espontâneas de direção. Os alunos e alunas têm que ser vistos segundo suas particularidades sociais, culturais, econômicas etc. Esse interesse de conhecer e se importar coletivamente faz com que o entusiasmo seja gerado. Por isso, a importância de incluir, reconhecer e ouvir as vozes e presenças uns dos outros é tão relevante. O educador e a educadora devem reconhecer que cada aluno é um ser que tem importância e funcionalidade na dinâmica de uma sala de aula. Dessa forma, os educadores e educadoras entenderão que cada contribuição que um aluno traz para aquele espaço pode ser relevante e se for usada da maneira certa pode criar um espaço coletivo e amplo de aprendizado.

No processo educacional, é essencial que as práticas pedagógicas não só reconheçam, mas também questionem os sistemas de dominação (tais como o machismo, racismo, sexismo etc) como também entendam que há diversos grupos de alunos. Torna-se essencial o processo conhecido como letramento racial¹⁰, que parte de um lugar que possibilita o conhecimento e o reconhecimento de estruturas racistas, discriminatórias e preconceituosas. (Zacarias, 2021, p.22)

Existem muitas mudanças a serem feitas nas práticas de ensino. Deve-se reconhecer que ensinar é também um ato de resistência e também de auxílio à reafirmação das pessoas no mundo. hooks (2017, p.20) oferece estratégias, ideias,

¹⁰ O Letramento racial é a conscientização crítica sobre as relações raciais presentes na sociedade. Refere-se ao reconhecimento de preconceitos, desigualdades, discriminações, privilégios etc. Corresponde a análise da forma que o contexto histórico, social e cultural influenciam e fundamentam as questões raciais.

reflexões e intervenções pedagógicas para possibilitar o entusiasmo em sala de aula e não modelos prontos e inflexíveis, torna-se importante ressaltar isso. Sendo assim, o objetivo dela é propor maneiras de repensar as práticas de ensino e oferecer ferramentas construtivas para melhorar o aprendizado.

3.1 O medo e a resistência em enfrentar o desconhecido

hooks disserta em *Ensinando pensamento crítico* um dos problemas recorrentes da educação, a reclamação que os alunos e as alunas não falam nas aulas. Em muitos momentos poucos participam, leem os materiais indicados. Para hooks (2020) isso acontece pois muitos alunos não querem se colocar em risco, eles tem medo de errar e ser ridicularizados. Assim como os alunos e alunas, muitos professores e professoras também têm medo de lidar com o inesperado e perder o controle da turma. Existem muitos educadores e educadoras que não fazem isso de maneira consciente, mas sim porque não tem habilidades e nem suporte suficiente para lidar com questões novas. Alguns se prendem ao conteúdo sem trabalhar a diversidade e muitos que se arriscam ainda correm risco de serem prejudicados ou até mesmo repreendidos pelas escolas.

Assim como tem professores e professoras que não lidam bem em trabalhar com questões diversas, também tem alunos e alunas resistentes a isso. Muitos deles rejeitarão falar sobre raça, gênero, estruturas de opressão e entre outros. Assim como desafiarão os professores, até de maneira desrespeitosa. Segundo hooks (2020) é importante ter um ambiente seguro, ter segurança não é ter ausência de desconforto, mas sim ter uma estrutura que permita que esse desconforto possa ser atravessado. Isso exige dos professores e professoras uma conduta firme e consciente de saber manejar situações conflituosas. Sendo assim, os (as) professores (as) devem ter o cuidado de reconhecer quando algo é ameaçador ou quando é desafiador. Um conflito pode ser mediado com sabedoria e argumentação se tiver um ambiente propício para isso, com isso os professores e professoras podem reagir de maneira adequada. Diante disso, fica evidente que é impossível ser crítico sem enfrentar resistências, pois o pensamento crítico provocará a liberdade mas a resistência também.

hooks (2020) alerta que a resistência em mudar ou transformar pensamentos precisa ser discutida. Esse processo é desafiador, pois implica desconforto e até dor

ao abandonar certezas e questionar convicções. Contudo, a educação se constrói justamente no repensar e reconstruir conceitos. Para isso, é essencial valorizar o multiculturalismo¹¹, reconhecer as diferentes realidades dos alunos e incorporá-las ao processo educativo.

hooks (2020) reflete sobre a importância da confiança no processo educativo. Algo fundamental em uma sala de aula. A confiança não é simplesmente acreditar em algo que alguém diz, mas sim um veículo facilitador de diálogos, está relacionada à fala e a escuta. Entretanto precisa-se ter o conhecimento que a liberdade de expressão nunca pode ferir ou silenciar o outro.

hooks (2020), vai além ao fazer uma crítica relevante em relação a forma que muitos professores e professoras usam o mesmo estilo de ensino todos os dias e em todas as aulas. Os (as) professores (as) acabam por perder a oportunidade de se envolver no processo de aprendizagem. Talvez, é algo muito mais confortável não sair da zona de conforto, ter uma sala de aula sem conflitos, sem contestações. Ela respeita que provavelmente um professor ou professora esteja contente em somente ministrar todos os conteúdos. Porém, eles não estão preocupados com a verdadeira aprendizagem dos alunos e alunas. hooks sempre enfatizou em seus escritos que sua maior preocupação sempre foi garantir que os alunos e alunas aprendessem com as aulas. Que eles levassem os diálogos para fora da sala de aula, ou seja para vida. A aprendizagem não é esse método de decorar as coisas, mas sim aprender com elas e utilizá-las para transformar, modificar e melhorar o mundo. Por isso, tanto Freire como hooks acreditam que os educadores e educadoras também devem estar abertos a estarem em constante aprendizado. Se cada um assumir uma postura humilde¹² e estar aberto a aprender, muitas transformações no processo educativo podem ser iniciadas minimamente.

¹¹ O conceito de multiculturalismo refere-se à coexistência de diferentes culturas que devem ser vistas no mesmo patamar de importância. O objetivo é criar práticas pedagógicas que construam salas de aula que valorizem a diversidade.

¹² Pode ser utilizada a máxima de Sócrates, de que só sabemos o que nada sabemos. Ninguém tem conhecimento sobre tudo, o reconhecimento da ignorância é a chave para que se possa aprender sobre diversas coisas no mundo.

3.2 As articulações de Freire e hooks acerca da educação pautada na conscientização

É imprescindível perpassar por algumas ideias de Paulo Freire, que inclusive é uma das maiores inspirações de bell hooks. Ambos, acreditavam em uma educação libertadora que acolhesse as minorias, promovesse o pensamento transgressor e crítico e desmantelasse os sistemas educacionais opressores. No seu livro denominado *Pedagogia da Esperança*, Freire destaca o processo de educação enquanto prática de liberdade. Freire sempre foi um educador extremamente comprometido com a política e cidadania. Seu projeto no Serviço Social da Indústria (SESI) implementou um método de alfabetização de adultos. Sendo este preocupado em integrar a realidade dos trabalhadores ao processo de aprendizagem.

Segundo Freire (1992) , ao trabalhar no Serviço Social da Indústria (SESI) tinha muitas preocupações com as relações entre a escola e a família. Principalmente, a compreensão das dificuldades que muitas pessoas das áreas populares tinham para se aproximar da prática educativa. Ele queria que as escolas também entendessem que muitas famílias pobres às vezes não conseguiam acompanhar de maneira efetiva a educação dos filhos. Paulo buscava evidenciar o quanto era importante a presença da família na educação escolar e que isso poderia ser também incentivado. O próprio Freire reflete sobre os filhos dos trabalhadores que faltavam constantemente às escolas. Muitos pais utilizavam métodos de punição como forma de correção. Ele evidencia isso em:

Os castigos nas demais áreas variavam entre pôr as crianças amarradas em um tronco de árvore, prendê las durante horas em um quarto, dar-lhes “bolos”¹² com grossas e pesadas palmatórias, pô-las de joelhos sobre caroços de milho, surrá-las com correia de couro. Este último era o castigo preponderante em uma cidade da Zona da Mata, famosa por sua fabricação de calçados (Freire, 1992, n.p)

Freire (1992) ainda chamava atenção para as justificativas que os pais e mães utilizavam para a aplicação de castigos tais como, "o castigo era necessário para fazer as crianças enfrentarem a dureza da vida ou então pancada é quem faz

homem "macho". Ele levanta uma reflexão que é muito necessária e urgente, o fato de muitos pais, mães, filhos, filhas, professores, professoras, alunos e alunas reproduzirem uma ideologia autoritária¹³. E essa ideologia faz parte, principalmente, do contexto que eles vivenciaram. A partir disso pode-se refletir o quanto o contexto em que cada um foi criado tem uma influência direta no processo de formação do indivíduo e da indivíduo. O fato da violência e dos castigos serem colocados como método de educação é algo extremamente preocupante. Consequentemente, para Freire (1992) esse tipo de comportamento dificulta uma aprendizagem significativa. Existem dois mecanismos que prejudicam a educação:

Era como se família e escola, completamente subjugadas ao contexto maior da sociedade global nada pudessem fazer a não ser reproduzir a ideologia autoritária. Reconheço os riscos a que nos expomos ao enfrentar problemas como este. De um lado, o do voluntarismo, no fundo uma espécie de idealismo brigão, que empresta à vontade do indivíduo uma força capaz de tudo fazer; de outro, do objetivismo mecanicista, que nega qualquer papel à subjetividade no processo histórico. Ambas estas concepções da história e dos seres humanos nela terminam por negar definitivamente o papel da educação. A primeira, porque atribui à educação um poder que ela não tem; a segunda, porque nega qualquer poder a ela. (Freire, 1992, n.p)

Ou seja, o voluntarismo é o achismo que a vontade individual pode tudo e o objetivismo mecanicista significa que tudo deve ser determinado pelas estruturas sociais e os indivíduos e as indivíduos não podem fazer nada. Sendo assim, se os sujeitos estão em um estado de imobilidade, então não existirá uma transformação. Ambas prejudicam a educação pois a primeira acredita que ela agindo de forma sozinha pode mudar o mundo e a segunda não atribui nenhum poder a ela. Freire (1992) propõe um equilíbrio entre autoridade e liberdade, não negar a liberdade para não ser autoritário, mas também não negar a autoridade para as coisas não terem limite. A educação é capaz de ajudar a construir sujeitos críticos e engajados,

¹³ Esse conceito de ideologia autoritária refere-se a um conjunto de valores, crenças e comportamentos aprendidos ao longo da vida de cada ser humano. Essas ideologias são formuladas pela sociedade, família, escola e outros. Uma ideologia autoritária pode ser coercitiva, preconceituosa e muito respeitada por aqueles que a seguem.

só que esse processo também depende dos alunos e alunas em quererem aprender e não somente dos (as) educadores (as) em ensinar.

Freire (1992) chama atenção para a forma de trabalhar a educação com dois grupos. Existem aqueles que de alguma forma já tem um nível de consciência política, que sabem que são sujeitos oprimidos pelas estruturas dominantes e outros que ainda não conseguem ver o opressor fora de si, culpam a si mesmos por serem oprimidos. O desafio é construir posturas e estratégias pedagógicas distintas para trabalhar com esses dois grupos.

Um dos passos para a prática da educação amorosa é entender os alunos e as alunas, já dizia hooks (2020). Freire (1992) entendeu nas suas próprias palestras para trabalhadores e trabalhadoras que eles tinham uma forma de falar e se expressar e Freire também tinha a sua própria linguagem. Incluindo-se assim vocabulário, estrutura das frases e até o sentido das palavras. Isso é um ponto importante pois enquanto educador não basta só falar de forma extremamente correta, mas sim entender que aquele conhecimento precisa chegar ao entendimento e compreensão do aluno.

Alinhado à isso, uma das propostas levantadas por Hooks (2017, p.21) é a do educador ser uma espécie de ator ou atriz. O processo educativo pode funcionar enquanto um espaço teatral que exige atuações que contemplem cada público de acordo com sua especificidade. Para contemplar esse público deve-se ter uma comunicação, linguagem, escrita e pensamento específico para tal. O diálogo deve ser moldado e modificado sempre que necessário. Assim como é importante que o educador e educadora não fale de acordo só com sua visão de mundo, mas que englobe as visões de mundo dos alunos também. A oralidade e o entendimento são pontos cruciais para possibilitar que o conteúdo seja compreendido.

A autora Bárbara Carine, enfatiza no seu livro *Como ser um educador antirracista*, a importância de uma comunicação de conteúdo que conquiste as pessoas destinatárias. Não só isso, mas que o impacto da fala e o nome do educador ressoe por um tempo na memória de quem o acessa por essa via. Pois, a educação não é só o simples ato social restringido à sala de aula e sim um meio de socializar com as novas gerações os conhecimentos historicamente produzidos. A

educação é construída pelo mundo assim como também ela tem um papel importante em sua construção. (Carine, 2023, p. 21, 17)

Freire (1992) volta à questão das relações familiares. Quando ele deu uma de suas palestras para os trabalhadores e trabalhadoras, lembrou da teoria de Piaget, para falar sobre o código moral da criança, sobre a proporção e causa do castigo. Na qual ele defendia uma relação dialógica e amorosa entre pais, mães, filhos e filhas, substituindo o uso de castigos violentos. Paulo Freire ficou profundamente tocado pela fala do trabalhador quando este destacou que ambos não vinham da mesma realidade, que entender uma realidade precária não era o mesmo que vivê-la. Então o trabalhador disse:

[...] dr. Paulo, o senhor sabe onde a gente mora? O senhor já esteve na casa de um de nós?". Começou então a descrever a geografia precária de suas casas. A escassez de cômodos, os limites ínfimos dos espaços em que os corpos se acotovelam. Falou da falta de recursos para as mais mínimas necessidades. Falou do cansaço do corpo, da impossibilidade dos sonhos com um amanhã melhor. Da proibição que lhes era imposta de ser felizes. De ter esperança.[...] Pois bem, doutor, sua casa deve de ser uma casa solta no terreno, que a gente chama casa de "oitão livre[...] O senhor deve de ter ainda um quarto onde bota os livros – sua livreria de estudo. Tá se vendo, por sua fala, que o senhor é homem de muitas leituras, de boa memória. [...] uma coisa é chegar em casa, mesmo cansado, e encontrar as crianças tomadas banho, vestidinhas, limpas, bem comidas, sem fome, e a outra é encontrar os meninos sujos, com fome, gritando, fazendo barulho. E a gente tendo que acordar às quatro da manhã do outro dia pra começar tudo de novo, na dor, na tristeza, na falta de esperança. Se a gente bate nos filhos e até sai dos limites não é porque a gente não ame eles não. É porque a dureza da vida não deixa muito pra escolher. (Freire, 1992, n.p)

Percebe-se nesse trecho uma análise profunda e consciente das diferenças de realidades, destacando as desigualdades sociais existentes. O educador e a educadora tem um desafio que não é fácil, o de conhecer a realidade verdadeira daqueles que ele está tentando educar. Não basta só falar mas também escutar o que os alunos e alunas estão falando. Cada ideia de uma pessoa é condicionada pelas condições materiais que ela vive, se é um local de poucas oportunidades, ausência de direitos, fome, pobreza. Por isso, ele reflete que muitas dessas pessoas

tem uma visão distorcida ou limitada pelas condições de opressão que elas se encontram. (Freire, 1992, n.p)

3.3 O processo da educação libertadora e a importância da esperança

A educação libertadora parte também de um processo de mostrar as estruturas que formam o mundo. Corresponde a um processo de desvelamento, de mostrar a realidade como ela realmente é. Isso auxiliará as pessoas a compreenderem que estão naquelas condições pois são frutos de injustiças históricas, econômicas e sociais. Esse é um processo de conscientização, onde o aluno e a aluna passam a entender sua realidade de forma crítica e percebem que ela pode ser transformada. Porém, somente a mudança da consciência ainda não significa a mudança do concreto. Pois, precisa haver uma mudança de consciência alinhada de uma práxis coletiva, unindo a teoria e a prática. (Freire, 1992. n.p)

Freire (1992) destaca ainda o conhecimento popular e que ele tem legitimidade dentro da educação libertadora. Este não deve ser portanto menos válido que o conhecimento acadêmico ou teórico, pois ele tem seu valor dentro da educação. A verdadeira educação é construída de experiências e não só teorias. Enquanto seres humanos compartilhantes, ninguém chega a nenhum lugar sozinho. Mas sim, cada um e cada uma são feitos de uma soma de trajetórias, traumas, culturas, pertencimentos, experiências, assim como de memórias.

Segundo Freire (1992) em relação a valorização dos saberes que cada aluno e aluna trará para a sala de aula. É fundamental entender que o educador e a educadora não devem ridicularizar ou menosprezar todos os saberes ou dúvidas que os alunos e alunas trazem. Visto que, por muitas das vezes, há algo que pode ser aproveitado. A postura pedagógica do professor e da professora diante de situações como essa pode definir como será o comportamento e a participação dos (as) alunos (as) nas aulas. Em diversos momentos essa participação fica comprometida pelo medo em errar ou parecer burro ou burra. Ou até mesmo por sentir que aquele espaço não é um lugar confortável para se expressar. O ato de negar os saberes que esses alunos e alunas trazem é não reconhecer que esses saberes são construídos socialmente e frutos das vivências delas e deles.

O conhecimento se dá na relação entre a educadora ou educador e aluno ou aluna, ambos aprendem e ensinam. O reconhecer implica conhecer algo novo, reinterpretar o mundo e esse processo faz parte da educação libertadora. O educando também precisa se reconhecer enquanto sujeito capaz de conhecer. Ele se torna educando quando vai conhecendo os conteúdos e não na medida que o professor só vai depositando os conteúdos nele. O educando e a educanda se tornam sujeitos e sujeitas cognoscente e não como incidência do discurso do educador, ou seja ser apenas reflexo do que o educador diz. Cada um e cada uma é sujeito e sujeita ativo (a) do processo de ensino e aprendizagem (Freire, 1992, n.p)

Freire (1992) disserta o quanto é importante o comportamento do professor e da professora e que a prática educativa não tem como ser neutra, pois o ato de ensinar é em sua essência ligado à luta por justiça social. Algo que hooks (2020) também enfatiza, a educação não tem como ser neutra porque todo corpo que está educando é um corpo que precisa ser demarcado. Sendo assim, a prática educativa é política, no sentido de que envolve escolhas, comportamentos, valores etc. Porém, isso não quer dizer que a visão de mundo desse professor ou professora deve ser imposta aos alunos, mas sim que ele deve reconhecer que o aluno e a aluna também tem as suas visões. O confronto de ideias é aceitável desde que ele seja respeitável e dialógico. Os professores e as professoras têm autoridade não no sentido de ser autoritário, mas sim de ser respeitado por seus papéis enquanto educadores e educadoras. Esses papéis não são fáceis por envolver técnicas, processos, assim como desejos, frustrações, construções.

Para Freire (1992) a pedagogia da esperança é pautada também no sonho, ou melhor no ato de sonhar. Ser uma pessoa crítica e sonhadora é ser alguém que está desconfortável com as estruturas de opressão. Faz parte da condição humana sonhar com um outro mundo, um que seja melhor. O ato de sonhar é uma necessidade política e histórica e esse ato vem atrelado ao agir para transformar. Segundo Freire (1992) precisamos ter uma geração que não se conforme com uma realidade opressora ou apenas se ajuste à realidade como ela é. Mas sim que deve-se ter consciência que é possível intervir e transformar o mundo, que cada um pode ser sujeito da história. Por isso, também surge a necessidade de sonhar, a mudança começa de um sonho. Sendo assim, não há mudança sem sonho e nem sonho sem esperança.

A esperança é uma necessidade ontológica, é constitutiva da existência, ela ajuda o homem e a mulher a agirem, transformarem, sonharem, intervierem. Quando ela se perde não desaparece completamente, mas se torna desesperança. Com o surgimento da desesperança aparece o sentimento de que nada pode ser mudado. A esperança que Freire (1992) propõe não nega as dificuldades no mundo, mas busca a rejeição da acomodação e da paralisação. Diante do exposto, ela sozinha não transforma o mundo, mas necessita se ancorar na prática, para se tornar concretude histórica.

Freire sofreu algumas críticas em relação a ser acusado de desprezar os conteúdos programáticos da educação. Ele não é contra os conteúdos e sim a forma bancária de lidar com eles. O conteúdo não deve ser separado da consciência crítica. Um conteúdo que apenas é ensinado como uma forma de repetição não será aprendido e sim só memorizado. O processo de aprendizagem só faz sentido se o conteúdo for aprendido pelos alunos e alunas como objeto de sua própria construção de conhecimento. Tanto Freire como hooks acreditam em uma educação que possa libertar as pessoas dos grilhões da opressão. Que o diálogo e a reflexão são a chave principal para formar alunos que saibam reconhecer quem eles são e que lugares ocupam no mundo.

4 REPENSANDO O CHÃO DA ESCOLA: A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO DESCOLONIAL

Promover uma educação libertadora exige que tanto os professores e professoras, como os alunos e alunas confrontem suas próprias limitações e revisem seus conhecimentos. A realização de debates e discussões é essencial em uma sala de aula. Deve-se promover a coragem em enfrentar o desconhecido, possibilitando uma educação libertadora onde qualquer pessoa possa aprender.

hooks (2017, p.32) evidencia que em diversas revoluções culturais ocorreram erros e foram estes erros que garantiram o aperfeiçoamento. Se cada professor ou professora se desesperar e tiver medo de errar, se enganar ou se estiver fiscalizando-se a todo momento para não falhar, então nunca transformará a educação. A educação se faz através de um processo contínuo que por muitas das vezes exige o voltar atrás para poder evoluir.

A educação deve ser um espaço amplamente diverso e que abarque todas as dimensões da diferença. Ademais, pode ser utilizado aqui algumas reflexões de Vilma Piedade em seu livro *Dororidade*¹⁴ o qual discorre sobre o termo "conceito". Cada conceito nunca está pronto, conceitos são circulares, todo conceito tem componentes e deles surgem significados inesperados, outros discursos novas reflexões. (Piedade, 2017, p. 16). Com isso, percebe-se que a formulação de conceitos é um processo que envolve desconfortos, lutas e sacrifícios. Principalmente, o desafio de se abrir para conhecer o novo. O processo educacional exige essa disponibilidade de se adaptar e questionar as normas estabelecidas e seus próprios pensamentos

Os professores e professoras podem ser pessoas que promovam um espaço educacional de respeito, de amor, acolhimento e liberdade, confiança. O âmbito escolar pode ser um local onde o aluno se sinta à vontade para transgredir as fronteiras do conhecimento tradicional. Segundo Barbara Carine em *Como ser um educador antirracista*, um educador ou educadora conscientemente ou não, forma os alunos e alunas segundo uma sociabilidade que ele almeja, ou seja o que ele gostaria de ver no mundo. Assim como a educação tem como função discorrer sobre os conhecimentos sistemáticos produzidos historicamente. Os alunos e alunas conhecem os saberes já produzidos e produzem novos saberes, participando assim dos processos educativos.

hooks (2017, p.51) reconhece que muitos professores e professoras ainda não têm preparo para lidar com salas de aula multiculturais e multiétnicas. Isso não ocorre por falta de interesse individual, mas devido às próprias políticas e estruturas escolares. Entre as dificuldades enfrentadas estão a escassez de recursos e a limitação para abordar temas políticos. Assim como, a pressão por seguir conteúdos padronizados e o receio de lidar com o novo e com possíveis conflitos. Muitas escolas, em vez de incentivarem práticas pedagógicas inovadoras, mantêm um ensino tradicional e engessado. Diante da diversidade, é natural que o professor ou professora se sinta despreparado (a) o que pode comprometer o processo de ensino. Para que a educação abrace o multiculturalismo, muitos professores e

¹⁴ Dororidade trata de dores que unem as pessoas negras, sobretudo às mulheres negras, é uma nova concepção que desconstrói o conceito de sororidade, que refere-se a união, acolhimento entre mulheres. Esse termo dororidade preocupa-se em dar conta da pretitude.

professoras acabam, por iniciativa própria, buscar compreender diferentes códigos culturais e epistemológicos.

Seguindo por esse caminho, hooks (2020) reflete sobre o caso de alunos e alunas brancos e brancas que aprendem a pensar de maneira que englobe raça e racismo. Porém, quando voltam para casa ao ter contato com os pais e mães acabam voltando à mesma ótica retrógrada. Por isso, é tão importante integrar a teoria e práxis, que envolvem os medos de conhecer e hábitos de ser. Muitos educadores (as) e alunos (as) ainda irão enfrentar ambientes educacionais predominantemente brancos. A discussão sobre o que é ser branco deve ser compreendida e abordada, principalmente nas questões de privilégios que pessoas desse grupo possuem.

Paralelamente, a autora Barbara Carine em *Como ser um educador antirracista*, reflete sobre o termo branquitude e a importância dele ser um conceito conhecido, ela discorre:

O termo branquitude não se refere a pessoas em suas singularidades; trata-se de uma categoria social, que se refere a um lugar de vantagens simbólicas, subjetivas e materiais disponíveis para as pessoas identificadas como brancas, onde o racismo é estrutural. Essa identificação é fenotípica, ou seja se dá pela estética e não pela constituição genética (genótipo) [...] essas vantagens que as pessoas brancas tem são chamadas de privilégios e absolutamente todas as pessoas brancas são beneficiárias dele, por mais que não sejam signatárias (Carine, 2023, p. 40,41,42)

Ou seja, ela reflete sobre a importância dos professores, professoras e alunos e alunas, sobretudo brancos, reconhecerem que fazem parte de grupos historicamente privilegiados. Torna-se importante reconhecer que pessoas brancas ocupam um lugar privilegiado na estrutura social. É fundamental que seja educador e educadora ou não possuir um nível básico de letramento racial. Inclusive, na escola Maria Felipa¹⁵, a primeira escola afro-brasileira, formulada por Bárbara Carine, é exigido que todo professor e professora que trabalhe lá tenha letramento racial. Esse termo apesar de não estar explícito aqui refere-se à consciência racial que cada um deve ter sobre quem se é e o lugar que ocupa no mundo. Porém, o

¹⁵ A escola Maria Felipa tem atualmente duas unidades abertas, uma no Rio de Janeiro e outra em Salvador. Essa escola tem uma abordagem de ensino afro-brasileira e de educação descolonial. Ou seja, é uma escola comprometida com um método que questione e critique as estruturas de dominação eurocêntricas e tradicionais. Assim como também é comprometida com a formação de alunos críticos e conscientizados.

que é perceptível é que pessoas brancas, em geral, não se percebem como racializadas e racializados. Tanto que os racializados devem ser sempre os outros, os negros, aqueles afastados da humanidade padrão, vistos como menores ou menos humanos. (Carine, 2023, p.36)

O multiculturalismo possibilitará que os professores e as professoras analisem e reconheçam que existem fronteiras que moldaram a forma como o conhecimento é partilhado na sala de aula. A educação libertadora é tão importante pois promove um ensino que transforma a consciência que se volta a assuntos como raça, cultura, gênero e entre outros. Essa educação é uma luta muito grande pois promove uma educação libertadora e uma aprendizagem que seja transformadora e emancipatória. Essa liberdade só consegue ser alcançada se todos trabalharem enquanto comunidade, ela não é realizada rapidamente, mas exige todo um processo.

4.1 Sobre o corpo enquanto ferramenta educacional e política

hooks em *Ensinando transgredir: a educação como Prática de liberdade*, faz uma profunda reflexão do processo de educação enquanto ferramenta de resistência e transformação. Uma das questões mais importantes desse processo educacional era a demarcação do corpo, quem é aquele corpo que está dando aula, sobre o que esse corpo está falando etc. São casos que são importantes refletir sobre, isso faz parte da identidade do professor e da professora enquanto pessoa. E muitas das suas características de comportamento revelarão algumas práticas pedagógicas. O professor e a professora enquanto corpo terão um efeito total no desenvolvimento do aluno e aluna e isso servirá também para fora da sala de aula.

A autora vai além ao expor que a pedagogia libertadora, que permite a criticidade e a reflexão sobre si e sobre o mundo, possibilita e exige que o professor e a professora trabalhem com os limites do corpo na sala de aula, trabalhe com eles e elas e além deles e delas. O mascaramento dos corpos possibilitará o pensamento de que enquanto professores e professoras, eles e elas estarão ouvindo fatos neutros e objetivos, fatos que não correspondem a pessoa que está transmitindo a informação. Por isso a importância do reconhecimento da subjetividade e das identidades de cada pessoa na sala de aula, isso será necessário para o rompimento da cultura de dominação (hooks, 2017, p. 186).

O mascaramento dos corpos se ligará ao mascaramento de diferenças de classe, de raça e entre outros. Por isso essa demarcação e reconhecimento dos corpos é algo extremamente importante, principalmente no meio educacional. A autora evidencia que uma sala de aula deve ser engajada e na medida que ela é engajada ela é dinâmica e fluída, ela não é um local estático. Por mais que uma sala de aula seja muito engajada, as coisas podem desandar, justamente pelo grande quantitativo de pessoas nessas discussões. Consequentemente, o compromisso com o ensino pode sair prejudicado por esse excesso de pessoas. Por isso, é importante ter estratégias, práticas pedagógicas e habilidades para reger uma sala de aula e orientar os debates.

bell hooks no livro *Ensinando pensamento crítico* a autora volta à questão de demarcação de corpos. A expressão e a demarcação de qual é aquele corpo que está ensinando, o que o corpo tem a dizer sobre quem é o educador e educadora e o que ele (ela) vive no mundo. Essa demarcação é importante porque durante muito tempo as estruturas de dominação alimentam a ideia de que só corpos brancos, masculinos e héteros teriam condições de transmitir o saber. Essa hierarquização de corpos que define qual corpo deve ser silenciado ou não é uma forma de violência epistemológica ainda muito presente formulado pelas estruturas de opressão.

Torna-se essencial o reconhecimento e a demarcação de qual corpo está ensinando se é branco, negro, preto, indígena, pobre etc. Assim como refletir sobre quais são os corpos que são reconhecidos na escola e quais são mantidos no lugar da diferença que desumaniza. Os professores e professoras também enxergam os alunos e as alunas como presenças corporais e o corpo também é um caminho para o diálogo. Cada corpo carrega história e trajetórias. hooks (2020) oferece alguns exercícios de pedagogia engajada¹⁶, sempre em suas aulas ela permitia que os alunos falassem sobre suas origens, sonhos, anseios e como chegaram até ali. Ela percebeu que a participação e o interesse dos alunos aumentou consideravelmente. O fato de professores (as) e alunos (as) se conhecerem mais possibilita a construção de uma comunidade em sala de aula.

Isso permite que reconheça-se que ensinar não é só transmitir conteúdos mas sim comunicar formas de estar no mundo. Cada corpo fala, seja no gesto,

¹⁶ Refere-se aquele que transcende a transmissão de conhecimentos, promove a liberdade e a criticidade, problematização, uma participação ativa nas construções de ideias.

postura, angústias, silêncios e atravessamentos. Ensinar e aprender é uma forma de presença, de escuta e de fala. O corpo é uma ferramenta de encontros que permite aprender, transformar e se relacionar mutuamente. Por tanto, ele pode ser utilizado como uma ferramenta na educação libertadora.

4.1 A integralização e o pertencimento

Ainda nessas estratégias para uma educação libertadora, hooks (2020), enfatiza a importância de contar histórias. Porém, ela deixa muito claro que o ato de contar histórias não é uma forma de desviar das leituras obrigatórias, mas sim ser um método que ajude na aprendizagem e integralização. Esse é um dos principais passos para construção de uma comunidade, seja dentro ou fora da escola. Deve-se ter o compartilhamento de histórias, fictícias ou verdadeiras que ajudem a compreender quem é aquele ser no mundo que está no chão da escola, quais são suas histórias, medos, anseios. As histórias, principalmente as pessoais, são uma forma poderosa de educar. Isso se torna ainda mais poderoso, quando esse campo escolar tem diversidade. Em muitas universidades e em outros campos educacionais, ela presenciou que majoritariamente era composto de pessoas brancas, classe média e alta composta por homens. Dessa forma, isso revelava que os (as) estudantes por terem vivências parecidas já conheciam as histórias uns dos outros. Ela disse que o processo de contar histórias não foi simples. A autora tinha um certo receio em compartilhar histórias pessoais com o medo de ser mal interpretada ou ser acusada de não ser científica suficiente, mesmo tendo um currículo excepcional.

Mas com o tempo passou a entender a importância desse compartilhamento no processo de integralização. Uma professora tem muita influência sobre uma aluna, quase como um espelho. Histórias encantam e seduzem, são multidimensionais. Na medida que as salas de aula ficam cada vez mais mais diversas, mais confrontos irão surgir. Isso possibilitará a construção de um conhecimento plural, crítico e significativo. As histórias que cada um conta, constituem o seu eu. hooks (2020) levanta uma questão importantíssima a de gerar identificação nos alunos e pertencimento também.

Quando cada aluno e aluna tem acesso a essa parte do educador ou educadora, de conhecer um pouco quem ele ou ela é, podem sentir que é possível pensar criticamente e pode participar dos debates. Segundo hooks (2020) histórias possibilitam a criação de comunidades. Não só isso, mas permite o conhecimento e o reconhecimento, entender as camadas dos indivíduos e enxergar o que estava escondido ou até mesmo o que estava sendo mal interpretado. E quando se tem o reconhecimento disso há uma abertura de mentes. As histórias possibilitam isso e também:

Histórias também nos ajudam a cicatrizar. De várias formas, quando pessoas procuram terapeutas, grande parte do que acontece é contação de história. Um terapeuta pode escutar as histórias de seu paciente e tentar mostrar conexões entre passado e presente como uma forma de fomentar a cura. Na sala de aula, conectamos nossas histórias ao material indicado, usando-as para iluminar o trabalho. Trazer a inteligência emocional para a contação de histórias aumenta nossa consciência e percepção. (Hooks, 2020, n.p)

Ou seja, a possibilidade de contar histórias permite que crie-se um campo de cura, no sentido de libertação. Onde as pessoas possam se enxergar e entender que elas estão sendo ouvidas e vistas e isso é muito buscado sobretudo por pessoas negras.

Falando sobre Pertencimento, muito se fala sobre a pertença: ela confere legitimidade, identidade, ações, atitudes (Piedade, 2017, p. 17). Muitos alunos e alunas sobretudo negros (as), não se sentem pertencentes à lugares dominados majoritariamente por pessoas brancas. Em muitos âmbitos educacionais, alguns se sentem pequenos, inferiores, silenciados. Por isso torna-se importante promover a noção de pertencimento nas salas de aulas. Isso pode ser desenvolvido de muitas maneiras, algumas delas até simples e que poderão ser vistas posteriormente.

A autora hooks (2020) faz uma crítica sobre o racismo presente nos âmbitos educacionais e o quanto os processos opressores prejudicam e impactam as subjetividades negras. A violência aqui é consistida na negação do Outro, o objeto, o

negro. Onde suas realidades e identidades são definidas pelo eu, a branquitude¹⁷. O racismo ainda é mantido e perpetuado pelo corpo pedagógico de muitas escolas. Em diversas instituições o plano de ensino só abrange autores, cientistas e figuras históricas brancas e eurocêntricas. Com isso, figuras históricas, pensadores e intelectuais negros, indígenas e de outros grupos marginalizados ficam excluídos. A filósofa Bárbara Carine em seu livro *Como ser um educador antirracista*, desenvolve um termo chamado colonialidade do saber. Esse termo diz que o currículo escolar é formulado e reproduzido a partir de uma perspectiva eurocêntrica e na qual pessoas brancas formularam todas as formas de conhecimento. Sendo assim, isso também é uma forma da supremacia branca¹⁸ afirmar que somente o conhecimento formulado por pessoas brancas é considerado válido e importante. Enquanto isso, os conhecimentos e perspectivas dos grupos marginalizados, não são conhecidos, reconhecidos e nem valorizados. (Carine, 2023, p.26)

O processo de colonização impactou a forma que os currículos escolares são elaborados. Isso refletiu o quanto crianças sobretudo negras não tiveram na infância e adolescência referências negras de intelectuais, pensadores, cientistas, figuras históricas:

[...]Assim como me disseram no ensino médio que não existiam escritores negros, ensinaram-me durante os anos de graduação, em uma faculdade de elite, que mulheres não poderiam ser “grandes” escritoras. [...]Lembro-me de, no início do ensino médio, perguntar aos professores por que jamais líamos literatura de escritores negros. Disseram-me que não existiam escritores negros. Quando cheguei à escola com uma lista de escritores negros que meu pai e minha mãe me deram, disseram-me que não se tratava de “grande” literatura, que era inferior e não merecia ser ensinada. Naquela época, ninguém no sistema educacional questionava como o pensamento supremacista branco moldava o ensino. (Hooks, 2020, n.p)

Ou seja, isso refere-se a um apagamento histórico e social, que impossibilitou que muitas pessoas negras se reconhecessem em espaços positivos, pois não tinham acesso à figuras negras. Um outro exemplo que pode ser discutido

¹⁷ Refere-se às condições sociais, políticas, econômicas que englobam um sistema de poder e privilégios construídos e mantido por e para as pessoas brancas.

¹⁸ A supremacia branca corresponde a ideia de que pessoas brancas são superiores às outras pessoas, principalmente às negras.

aqui é o fato da colonização criar formas específicas de forçar historicamente os grupos marginalizados a falarem, escreverem e se expressarem à partir da perspectiva do colonizador. A autora Grada Kilomba em seu livro *Memórias da Plantação* discorre:

Quando frequentava a universidade, lembro-me de ser a única aluna negra no departamento de psicologia, por cinco anos. [...] Na escola, lembro de crianças brancas sentadas na frente da sala de aula, enquanto as crianças negras se sentavam atrás. De nós, dos fundos da sala, era exigido que escrevêssemos com as mesmas palavras das crianças da frente “ porque somos todos iguais” dizia a professora. Nos pediam para ler sobre a época dos descobrimentos “portugueses”, embora não nos lembrássemos de termos sido descobertas/os. Pediam que escrevêssemos sobre o grande legado da colonização, embora só pudéssemos lembrar do roubo e da humilhação. E nos pediam que não perguntássemos sobre nossos heróis e heroínas da África, porque elas/ eles eram terroristas e rebeldes (KILOMBA, p. 65)

Ou seja, ao longo da vida acadêmica muitas pessoas negras não veem outras pessoas negras nesses espaços e em outros. A colonização impõe tanto uma linguagem como um conhecimento que é tido como aceito, o branco. Por muitas das vezes para uma pessoa negra ser ouvida e levada a sério, seja em espaços acadêmicos ou não, elas precisam falar de acordo com a linguagem do grupo dominante. A autora Bárbara Carine chama atenção para essa questão no livro *E eu não sou uma intelectual?* Em diversas palestras, ela já se sentiu insegura sobre a sua fala, mesmo ela tendo domínio sobre o assunto. Essa sensação está conectada a colonialidade linguística. Os colonizadores impõem um padrão de rebaixamento social a determinados grupos, os marginalizados. Essa violência faz com que os grupos se sintam inferiores e excluídos diante daqueles que se colocaram como colonizadores. (Carine, 2025, p. 52)

Esse mesmo sentimento de insegurança, hooks (2020) já relatou sentir. Ao ministrar aulas e à sua prática ser questionada negativamente (algo que partia de pessoas brancas), ela se sentia extremamente insegura em suas falas. Mas retornou para o pensamento que ela tinha domínio sobre aquilo que estava ensinando e tinha capacidade de conduzir a aula com competência. Ela relembrou para si mesma os prêmios individuais que já havia ganhado ao longo de sua carreira, comprovando

sua excelência e qualificação profissional. A partir disso, é perceptível o quanto o racismo cria mecanismos para abalar as pessoas negras que são capacitadas, ainda mais mulheres negras. Sendo assim, há um movimento que exige delas a reafirmação constante de sua legitimidade nas instituições educacionais.

A autora Krada Kilombo narra em *Memórias da Plantação*, uma atividade realizada em sala de aula. Ela propôs algumas perguntas, sendo elas "Quem foi May Ayim?", "Quantos anos durou a colonização alemã no continente africano?" e "Quem escreveu *Pele Negra, Máscaras Brancas*?". Ao realizar esse exercício ela percebeu que os (as) estudantes negros (as) conseguiam responder corretamente a maioria das perguntas, enquanto as estudantes e os estudantes brancos ficavam em silêncio. Eles ficaram em silêncio não porque não sabiam formular uma resposta, mas porque não tinham conhecimento sobre aquilo que estava sendo falado. A partir disso, ela percebeu o quanto os conceitos de erudição, conhecimento, ciência estão ligados ao poder e autoridade racial. (Kilomba, p.50). Portanto, isso evidencia o quanto os conteúdos escolares são em grande parte de conteúdos eurocêntricos e embranquecidos.

hooks (2020) enfatiza o quanto é perigoso e doloroso um aluno estudar em uma escola onde os preconceitos, racismo e discriminação são normalizados. Muitas crianças negras frequentam instituições educacionais onde a supremacia branca é cada vez mais fortalecida e ensinada. hooks volta a fazer uma crítica sobretudo a uma professora ou professor branco que por muitas das vezes não estão dispostos a abandonar seus próprios preconceitos e aprender sobre o multiculturalismo. Essa ajuda seria essencial para que a mudança de fato fosse iniciada. Ademais, ela reflete que muitos estudantes chegarão às escolas com as mentes totalmente colonizadas. Realizar esse processo de descolonização das mentes é algo complexo, mas extremamente importante.

Conforme o filósofo Fanon (2022, p. 31, p.32. 33) em *Condenados da terra* ele define a descolonização como um processo histórico, uma substituição de uma "espécie" de homens por outra "espécie" de homens, um ser consciente para humanidade, livre da colonização espiritual, política, mental. Há transição completa, absoluta e não substituição. Dentro dela possui o encontro de duas forças antagônicas, o colono e o colonizado sobre o signo da violência. Assim como ela

exige um questionamento integral da situação colonial. Ademais, o colonialismo é a violência em estado puro e só se curvará diante de uma violência maior. Nesse sentido, a descolonização surge quase como uma resposta à violência imposta pela colonização.

5. A ESCOLA MARIA FELIPA DE BÁRBARA CARINE ENQUANTO PROPOSTA DE ENSINO DESCOLONIAL

O processo de descolonização já está sendo utilizado em muitos âmbitos educacionais, surge como essa necessidade ontológica para enfrentamento da desumanização provocada pela opressão colonial. Esse processo é um tipo de educação transgressora proposta lá atrás por hooks (2020) também. No livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*, fala-se sobre transgredir conhecimentos. Para hooks (2020), transgredir é ultrapassar as hierarquias do saber tradicional e dominador. Corresponde ao processo de questionar e refletir sobre os sistemas de dominação racista, machista, misógino, preconceituoso, ultrapassado. O processo educacional necessita que as práticas pedagógicas façam isso para libertar os oprimidos dos sistemas de opressão.

A autora Bárbara Carine no livro *Como ser um educador antirracista* evidencia o quanto os currículos e as práticas escolares ainda são coloniais, eurocêntricas e cheios de ambiguidades. Ela define a função de uma escola de maneira excelente e interessante. [...] a escola tem uma função ontológica de socializar os conhecimentos sistemáticos [...] produzidos historicamente pelo coletivo com as novas gerações, se apropriar (no sentido de aprender) dos saberes já postos e compartilhar [...] é influenciada pelo sistema, assim como também o influencia [...] A escola por ser um complexo que compõe uma sociedade, esta já é um complexo de complexos, precisa assumir o compromisso de educar os sujeitos.[...] porém, essa não é a sua função primaz, se for alcançado uma sociedade livre de racismos, classicismo, machismo etc a escola deixaria de existir pois seu papel é transformar a realidade e não haveria mais realidade a ser transformada. Acontece que mesmo que exista uma sociedade livre dessas opressões, a sociedade precisa de um complexo educacional. (Carine, 2023, p.23) Ou seja ela reflete sobre a necessidade da existência da escola para não só transformar a sociedade, mas também refletir sobre ela.

A autora define os professores e professoras enquanto doadores de memórias, tendo também como função transmitir socialmente às novas gerações um legado cultural sistemático que impulsiona no sentido de desenvolvimento humano. Aprender um conhecimento está para além de sua especificidade ou mero conteúdo, esse processo desenvolve a humanidade. A escola corresponde a uma via de continuidade histórica. (Carine, 2023, p. 24, 25). Portanto, a escola e os professores e as professoras têm um papel importante de manter todo o legado histórico e cultural do mundo sempre vivo, isso possibilitará que a humanidade continue progredindo, principalmente em nível de conhecimento.

Carine (2023, p.26) segue suas reflexões no livro, dessa vez ela fala sobre colonialidade do saber. Em muitas escolas é visível que pessoas brancas estão em lugares de poder, são coordenadoras, diretoras, administradoras etc. Ela pensou em criar uma escola que pudesse transgredir as estruturas opressoras. A autora analisou que em Salvador, reconhecida como a cidade mais negra do mundo fora do continente africano, não tinha representatividade negra positivada nos campos educacionais. Portanto, em 2018 ela abre a Maria Felipa, a primeira escola afro-brasileira, uma escola de Educação Infantil e Anos Iniciais. A autora acreditava que era importante desde cedo os indivíduos e as indivíduos reconhecerem as estruturas opressoras. Essa escola tem como objetivo valorizar a cultura afro-brasileira e problematizar as questões raciais. A escola é para todas as crianças, sejam elas negras ou não. Sendo assim, é uma escola que busca enfatizar na criança sua identidade, subjetividade e reconhecimento de sua existência no mundo.

Aliás, falando sobre identidade muitos alunos não tem conhecimento sobre suas próprias identidades e quando eles tentam se libertar disso as forças do status quo limitam essa transformação. A própria hooks (2020) reflete sobre a ruptura, entre o que o ser humano é, pensa, diz e faz:

Com frequência, sofro de mente partida, uma falta de congruência entre o que eu penso, digo e faço. Como posso acabar com esse sofrimento?”. A professora diz à estudante que o potencial para essa quebra está presente dentro da gente. Porque dentro de todos nós existe “uma identidade doente e uma identidade lutando para ficar bem, e elas estão em conflito”. Quando a estudante pergunta à professora qual identidade está ganhando o conflito,

ela responde: “Qualquer uma das identidades que você alimentar”. (Hooks, 2020, n.p)

Ou seja, cada ser humano pode perceber a realidade que ele sente, quer e imagina. Porém, alinhando isso ao pensamento de Freire (1992) essa ruptura pode se dar pelas direções contrárias que o status quo vive puxando cada ser humano. Os indivíduos têm suas escolhas, mas essas escolhas de alguma forma são influenciadas muitas das vezes pelas estruturas de opressão, que são racistas, machistas, misóginas etc. Nesse caminho é que se encontra o desafio de se desvincular disso e promover a educação como caminho para a libertação.

Falando sobre professores brancos na luta antirracista Carine (2023, p. 60) explica que eles podem ajudar, desde que reconheçam que o papel da Branquitude Antirracista¹⁹ é a de quem criou o racismo. Por isso torna-se responsabilidade das pessoas brancas críticas criar caminhos para lidar com isso. Ademais, essas pessoas tem um papel importante na luta antirracista, não de falar pelos negros. O papel é se relacionar com o próprio campo de atuação, com o que é possível elas fazerem nos espaços que as pessoas negras não estão.

Carine reflete ainda sobre o lugar de fala, ela enfatiza que lugar de fala todo mundo tem e ele pode ser utilizado na luta antirracista. A partir do momento que cada um entender que vive em uma sociedade racista, cada um terá o que falar sobre ela, a partir de suas vivências, perspectivas. Porém, é importante pensar que ter a possibilidade de falar sobre algo e ter propriedade para falar sobre algo são coisas diferentes. A propriedade vem de quem realmente vive a situação na pele. A autora assim como hooks (2020) deixa claro que o objetivo dela não é oferecer um passo a passo de como aplicar práticas antirracistas e sim refletir sobre a necessidade delas. Tanto que ela deixa claro que relata as próprias práticas pedagógicas que ela aplica na escola Maria Felipa.

A escola tem um currículo formulado de acordo com documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC). Na escola as crianças aprendem sobre cultura brasileira como samba, capoeira, culinária ancestral. Cada turma é dividida em Reinos Africanos ou Ameríndio, tais como Império Maia, Reino do Daomé, Povos

¹⁹ Branquitude Antirracista refere-se a grupos de pessoas brancas que são conscientes que são brancas e que tem privilégios, assim como também ajudam no combate do racismo, elas não são racistas e também são contra os racistas.

Tupinambás etc. O objetivo é criar nas crianças o sentimento que elas fazem parte da realeza. Não só isso, mas que elas entendam que não são apenas os povos europeus que possuem ancestralidade real. Os povos africanos e indígenas também eram reis e rainhas; no caso específico africanos, os primeiros reinos surgiram lá. (Carine, 2023, p 98). É importante que cada criança, sobretudo, negra, desde cedo, compreenda suas origens. Isso ajudará à construir um caminho rumo à emancipação de si mesmo e de seu povo.

Ou seja, é importante que cada criança, sobretudo, negra, desde cedo, compreenda de onde veio. Isso ajudará à construir um caminho rumo à emancipação do seu próprio povo e a construção de uma identidade positiva (Carine, 2023, p.99). No entanto, é preciso refletir sobre a necessidade de precisar nomear algo como antirracista, descolonizador, quando na verdade muitos estudantes não tem sequer conhecimento disso, que deveria ser primordial. O simples ato de nomear já demonstra que tais práticas ainda são tratadas como algo à margem, como se não fossem parte integrante do processo educacional. Aliás, a lei que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira nos no currículo escolar de ensino médio e fundamental brasileiro, é a lei 11.645/08. Ela estabelece:

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 2003).

Porém essa lei não está sendo aplicada na prática, por diversos motivos. Alguns deles são: nos ensinos de licenciatura e pedagogia ainda não tem currículos e disciplinas que trabalhem com profundidade essas temáticas. Ademais, existe uma presença dominante de conteúdos eurocentrados e embranquecidos nos currículos escolares, isso colabora com a invisibilidade de saberes negros e indígenas. A existência da lei não garante que ela vai ser cumprida. Todas essas discussões envolvem questões muito mais estruturais do que se possa imaginar. Sendo assim,

surge a necessidade de repensar sobre o quanto a estrutura educacional pode ser uma ferramenta fortalecedora de estruturas de dominação.

Carine (2023 p. 93) reforça ainda a importância da coletividade, o entendimento que cada aluno, cada ser é importante no mundo. Baseado na Filosofia Africana Ubuntu²⁰ “Eu sou porque nós somos” a marca da natureza é a unidade e nesse sentido, o essencial não é o Eu, mas sim o Nós. Portanto, deve-se ter o entendimento que cada um precisa do outro existir. O outro tem uma importância no lugar do Eu. A escola é um ambiente de acolhimento e por ser assim não pode ser lugar de abandono e sim fortalecer os acessos e desenvolver a cultura de permanência. Essa perspectiva é a mesma levantada por hooks (2020) sobre a importância da coletividade como veículo de emancipação e transformação.

Carine (2023, p. 98) relata com orgulho algumas outras práticas da escola Maria Felipa. Uma delas é a criação de projetos anuais afrocentrados. As três unidades que a escola trabalha são: ancestralidade, identidade e comunidade. Alguns dos projetos são “Desconstruindo mitos sobre a intelectualidade negra”, “Afrotech” e entre outros.

Carine (2023, p.101) discorre em relação às datas comemorativas de Páscoa, Natal etc. A autora percebeu que a escola era laica e ela deveria tirar todas as datas de vinculação religiosa. Porém, a cultura popular é atravessada por essas datas, sendo assim não tinha razão em negar essa realidade. Bárbara promoveu então um calendário que valorizasse os marcos civilizatórios. Sendo assim, na semana de comemoração da Páscoa seria incluída também a Toré Indígena e a Feijoada de Ogum. Ela define que “Todas as abordagens de natureza religiosa são desenvolvidas numa perspectiva mitológica e não no entendimento da verdade, pois isso se insere numa dinâmica de fé e escola e a escola não é religiosa, ela é laica” (Carine, 2023, p.106). Com isso é perceptível que ela tem uma preocupação em explicar a importância dessas perspectivas também serem trabalhadas na escola. Portanto, a escola também deve ser um espaço potencializador de existências, identidade e ancestralidade.

²⁰ O termo Filosofia Ubuntu não tem uma origem exata, segundo o doutor em Filosofia Africana, Dirk Low. Pode ser interpretado como uma regra ou conduta social.

Carine (2023, p.125) pensa em uma composição escolar, seja ela de professores, coordenadores compostos por pessoas negras em espaços de poder. Assim como também pessoas de diversas religiões, de outros países, tais como Cabo Verde, Argentina. Como também, pessoas trans, homens gays e entre outros. A autora propõe uma escola que não repense só o seu currículo escolar, mas também o seu corpo escolar, que abrace o multiculturalismo e a diversidade. Sendo assim, a representatividade é importante nesses espaços para os alunos e alunas sentirem que pertencem aquele espaço escolar, a presença deles tem que ser positivada.

O movimento de repensar o chão da escola é um desafio por diversos motivos que foram expostos aqui, sobretudo aqueles estruturais. Mas essa reformulação abre caminhos para uma educação descolonial e amorosa. Na medida que os conhecimentos e aprendizagens são construídos em comunidade, onde a presença de cada um é importante. Os três autores mais trabalhados aqui, hooks, Carine e Freire de maneira explícita ou não revelam uma esperança, não no sentido de ilusão, mas no acreditar que ter um sonho de mudar o mundo já é o primeiro passo para a transformação. Entretanto, a esperança de se transformar tem que vir alinhada com a prática. O objetivo é uma educação pautada no desprendimento e questionamento dos sistemas opressores. As propostas levantadas por Freire, Carine, hooks e tantos outros estão longe de serem manuais com fórmulas prontas, tanto que cada uma delas não nega os conflitos e barreiras existentes de implementar uma educação libertadora. Porém, cada uma dessas teorias levanta possíveis direções rumo à emancipação, valorização da pluralidade no processo educativo.

Por fim, como hooks explica ao longo de seus escritos, mesmo com inúmeras dificuldades e desafios, a sala de aula continua sendo um veículo de possibilidades, de transformação não só do mundo mas das pessoas também.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, o presente trabalho buscou compreender à possível aplicação da ética amorosa no processo educativo como uma forma de educação transgressora. A visão do amor é desconstruída, diferentemente da reconhecida popularmente atrelada ao sentimentalismo, conceitua-se agora o amor enquanto ética de vida, conduta social. Assim como também, essa teoria levantada por hooks, enfatiza que o ser humano não só sobrevive mas também se constrói em coletividade. A primeira parte do trabalho foi focada nessa concepção do amor, a ética amorosa enquanto veículo social para possibilitar o afastamento dos padrões eurocêntricos, coloniais e embranquecidos que construíram a sociedade colonial. Essa ética tem como objetivo o direcionamento e o redirecionamento das ideias dos indivíduos. Assim como o repensar de condutas e comportamentos que permitem à prática rumo à liberdade. A ética amorosa corresponde a uma ética relacional, pautada nas relações saudáveis e respeitadas. Como também na escuta e no entendimento, quando os alunos se sentem respeitados e ouvidos, mostram-se mais dispostos a aprender.

hooks valoriza a própria noção de amor levantada por Martin Luther King o qual ele reconhece o amor enquanto força transformadora e questionadora das estruturas de opressão. O amor é uma prática ativa que exige em muitos momentos a resistência. Aliás, esse termo estruturas de opressão é levantado em muitos momentos por hooks, corresponde aos sistemas políticos, econômicos e sociais. Cada um deles tem como objetivo: a marginalização de alguns grupos em detrimento de outros. Aliás, os grupos marginalizados são sempre aqueles que englobam as minorias, que sofrem completamente com desigualdade social, preconceito, exclusão. Esse processo também é uma herança da colonização, onde os colonizadores brancos e eurocêntricos sempre estiveram se beneficiando de privilégios enquanto vários grupos eram excluídos.

É relevante enfatizar a crítica em relação aos sistemas de dominação e o quanto eles utilizavam o medo para promover a obediência. Isso também se manifesta nas instituições escolares, muitas vezes marcadas por técnicas punitivistas. Foucault também reflete sobre esse aspecto em *Vigiar e Punir*, ao apontar que muitas escolas exercem um controle rigoroso sobre os indivíduos, com

o objetivo de formar pessoas menos questionadoras. Portanto, muitas dessas instituições promovem uma educação tradicional, embranquecida e engessada, onde o próprio indivíduo é utilizado como uma ferramenta de controle.

Na segunda parte buscou-se discutir sobre a educação bancária. Esse tipo de educação é focada na memorização e depósito de conteúdos. Não promove uma educação crítica mas sim uma educação conteudista. Por isso, hooks volta à questão da educação libertadora comprometida com o debate, com o questionamento de ideias. Não só isso, mas que ela seja vista enquanto um processo de ruptura, de desconstrução e repensar de ideias. Ela tem como expectativa um pouco de flexibilização nas práticas pedagógicas, onde seja possível mudanças espontâneas de direção. O processo de ensino e aprendizagem por ser coletivo, exige um esforço do professor e professora e também do aluno e aluna.

A autora reflete sobre um problema muito discutido na educação, a pouca participação dos alunos em sala de aula. Isso pode ter várias explicações, tais como o medo e a insegurança em ser ridicularizado, falar algo errado ou até mesmo a falta de conhecimento sobre determinado assunto. E esse sentimento também pode ser visto em alguns professores e professoras que têm receio em trabalhar com questões multiculturais por falta de habilidades, recursos, de liberdade em falar sobre temas mais políticos e sociais. Assim como a pressão por ensinar conteúdos estabelecidos pelos padrões de opressão.

Um ponto extremamente relevante dessa questão será o fato de muitos alunos e alunas também se mostrarem resistentes à falar sobre raça, gênero, questões sociais e entre outros. Alinhado a isso, muitos deles irão desafiar e até desrespeitar os professores. Quando cada professor tiver contato com uma sala de aula, como o chão da escola funciona, ele observará que a teoria do funcionamento de um ambiente escolar é diferente da realidade, prática. hooks reflete sobre a importância de mediar os conflitos que surgirão, eles são importantes para promover a criticidade e o diálogo, pois é impossível promover o pensamento crítico sem enfrentar resistências.

Freire e hooks promovem articulações acerca da importância da educação pautada na conscientização. Freire acreditava que a educação seria trabalhada com duas categorias de sujeitos: aqueles que têm um nível de consciência política e

aqueles que não tem. Os primeiros são sujeitos que sabem que são oprimidos pelas estruturas dominantes. Os segundos correspondem aos que não conseguem ver o opressor fora de si, ou seja eles não têm consciência de classe, nem racial. Sendo assim, há um desafio em construir estratégias pedagógicas distintas para trabalhar a educação libertadora de forma satisfatória com os dois grupos.

hooks levanta que o primeiro passo é entender os alunos e alunas, saber quem eles são, de onde eles vieram. Freire tem essa mesma concepção, tanto que ambos acreditam que os educadores devem ter uma comunicação, linguagem e escrita de acordo com quem eles estão educando. A oralidade deve ser adequada para que o conteúdo seja compreendido. Dessa forma, o professor deve se atentar a realidade que os alunos vivenciam. Pois, muitas das vezes os pensamentos limitados e distorcidos que muitos tem são condicionados pelas condições materiais que eles viveram.

O processo de educação libertadora tem como objetivo desvelar as estruturas que formam o mundo. Este é um mecanismo importante para auxiliar as pessoas a compreenderem que, se estão em uma situação precária, isso se deve às injustiças históricas, econômicas e sociais. Freire denomina isso de conscientização, porém a mudança da consciência ainda não é a mudança da concretude. Para isso, é necessário uma mudança de perspectiva associada à práxis coletiva. Ou seja, as pessoas precisam agir para transformar o mundo.

Freire tem uma concepção muito relevante de esperança. Ele a define como uma necessidade ontológica, constitutiva da existência. Será ela que ajudará o homem a transformar, agir, sonhar e intervir tudo ao seu redor. Ela nasce de um sonho. O ser humano que sonha é aquele que tem expectativa de um mundo melhor, ele está desconfortável com as estruturas de opressão. Com isso, ele se torna questionador, ele nega a acomodação e a paralisação. Sendo assim, o autor acredita que ser alguém esperançoso não é ser alguém que nega as dificuldades do mundo e sim alguém que sonha com um mundo melhor. Porém, não basta só sonhar mas se ancorar na prática, no agir para transformar o mundo.

As propostas levantadas por hooks e Freire promovem a possibilidade de repensar o chão da escola e transgredir os conhecimentos. Inclusive, essa é a terceira parte trabalhada neste trabalho. A transgressão de conhecimento é o ato de

questionar conteúdos racistas, machistas, opressores e preconceituosos. Esses conteúdos ainda são promovidos em muitos currículos escolares. Barbara Carine, uma importante filósofa brasileira em *Como ser um educador antirracista* fala que o espaço educacional pode ser um espaço para transgredir as fronteiras do conhecimento tradicional. Isso pode ocorrer na medida que o professor entenda que seja de forma consciente ou não, ele forma os alunos segundo uma sociabilidade que ele almeja ou que gostaria de ver no mundo. A educação discorre sobre os conhecimentos sistemáticos produzidos historicamente pelos coletivos. Ou seja, os alunos conhecerão saberes já produzidos. Porém, isso não quer dizer que eles não podem produzir novos conhecimentos. Pelo contrário, o objetivo é promover essa possibilidade e permitir que os alunos participem dos processos educativos.

Neste capítulo discutiu-se principalmente a importância de falar sobre raça. Em muitas instituições escolares existirá ambientes predominantemente ocupados por pessoas brancas. A discussão sobre o ser é ser branco deve ser compreendida e também exposta. A autora Bárbara Carine reflete muito sobre isso, para ela tanto os educadores e as educadoras como os alunos e alunas, sobretudo, brancos, devem reconhecer que fazem parte de grupos historicamente privilegiados. O termo branquitude será levantado em muitos momentos, este se refere a uma categoria social, um lugar de vantagens e privilégios que algumas pessoas têm. Por isso, ela discorre sobre o processo de letramento racial, que é uma consciência de quem a pessoa é e o lugar que ela ocupa no mundo.

A autora hooks volta à questão do corpo, que é inclusive também levantada por Freire. A demarcação do corpo é importante pois isso faz parte da identidade e subjetividade do professor e da professora, é um ato político. Assim como também o corpo que está ensinando tem um efeito muito importante na trajetória do aluno. Isso envolve uma questão de representatividade que é relevante para o rompimento da cultura de dominação. Historicamente, os corpos negros e indígenas sempre foram vistos enquanto sinônimo de inferioridade, agressividade e não intelectualidade. Quando ocorre o mascaramento dos corpos promove-se a ideia de que o professor ou professora não está de fato ouvindo ou reconhecendo os alunos. Mas sim mascarando as diferenças de classe, de raça e entre outras.

A demarcação é importante pois em muitos momentos as estruturas de dominação alimentaram a ideia de que só os corpos brancos, masculinos e héteros, teriam condição de transmitir o saber. Essa hierarquização de corpos é uma violência epistemológica que reconhece alguns e desconhece outros. Assim como os professores e as professoras são reconhecidos enquanto corpos, os alunos e alunas também devem ser. Cada corpo carrega uma história de vida, uma trajetória. hooks estabelece muitas estratégias pedagógicas, entre elas a importância de permitir um momento que os alunos possam falar sobre seus sonhos, origens e anseios. Isso possibilitará que os alunos (as) e professores (as) se reconheçam mais e construam uma comunidade dentro da sala de aula.

Ao longo das exposições de ideias foi refletido sobre a importância do pertencimento. Esta sensação confere legitimidade, identidade, atitudes e outros. hooks reflete sobre o racismo presente em muitas escolas e o quanto isso impacta as subjetividades negras. Os currículos escolares majoritariamente abrangem só autores, cientistas e figuras históricas brancas. O plano de ensino é formulado e reproduzido a partir de uma perspectiva eurocêntrica, reconhece que só as pessoas brancas construíram os conhecimentos. Com isso, percebe-se que as estruturas de dominação só consideram válidos e importantes os conhecimentos formulados pela branquitude. Esse processo é fruto da colonização, refere-se a um apagamento histórico, cultural e social e garante a perpetuação da dominação do status quo.

O processo de descolonização torna-se extremamente relevante tanto para professores como alunos. A descolonização vem justamente do desprendimento de padrões eurocêntricos, racistas, machistas e muitos outros. O objetivo da educação libertadora é transgredir as hierarquias do saber tradicional e opressor, para libertar os oprimidos.

A autora Bárbara Carine acredita que a escola tem uma função ontológica de socializar os conhecimentos sistemáticos, produzidos historicamente pelos coletivos. Ela formula uma perspectiva muito interessante e também diferente de muitas já vistas. Ela explica que se o mundo um dia alcançar uma sociedade livre de opressões, a escola deixará de existir pois seu papel é transformar a realidade. Porém, mesmo que exista uma sociedade ideal, as pessoas ainda precisariam do complexo educacional, pois a escola também corresponde a uma via de

continuidade histórica. Para ela, tanto os professores e as professoras como os alunos e alunas têm o papel importante de manter vivo o legado histórico e cultural do mundo.

Carine percebeu que, por mais que Salvador seja tida popularmente como a cidade mais negra fora do continente africano, não tinha representatividade negra positivada nas instituições escolares. Sendo assim, ela cria a Maria Felipa, uma escola afro-brasileira de educação infantil e anos iniciais. Essa escola tem um currículo escolar que valoriza as heranças africanas, indígenas e entre outras. Assim como também tem como compromisso a valorização da identidade, integralização e pertencimento dos alunos.

Existem projetos anuais afrocentrados, composição escolar com pessoas negras em espaço de poder e entre outros. Todos os conteúdos curriculares estão de acordo também com os obrigatoriamente propostos pelo Ministério da Educação (MEC). A proposta de educação levantada por Carine é descolonial, ao refletir sobre as estruturas de opressão e sobre a importância do resgate às identidades, origens, ancestralidade dos povos africanos e indígenas. Assim como também revelar a contribuição de cada um deles na construção da história do mundo. Ela desconstrói a visão negativa proliferada pelo processo de colonização e possibilita uma visão positiva, rica e importante.

Com isso, percebe-se que repensar o chão da escola é um desafio. A proposta de educação transgressora enfrenta algumas resistências, seja de alunos, professores, do próprio complexo educacional. Principalmente, relacionadas à questões estruturais e coloniais, que aliás podem ser trabalhadas mais profundamente em um estudo posterior e mais específico. As propostas levantadas por todos esses estudiosos não são fórmulas. Foi observado que nenhuma delas nega as dificuldades e desafios ao promover a educação transgressora. As teorias observadas aqui foram reflexões sobre práticas, estratégias pedagógicas que foram tratadas de forma realista e não idealizadora. Tanto hooks, Freire como Carine acreditam em uma educação enquanto ato político e social. A educação é transformada pelo mundo assim como também ela o transforma. Aliás, é através dela que o mundo pode ser aprimorado, revisto e modificado. Por fim, a educação libertadora é um processo que não tem uma direção específica e limitada, mas sim

permite o direcionamento e o redirecionamento de ideias. Será através dela que os indivíduos poderão construir consciência crítica, de raça, de classe e muitas outras. Por fim, que o ser humano nunca deixe de ter esperança de um mundo melhor, pois será essa esperança o primeiro passo rumo à prática e conseqüentemente a mudança.

7. REFERÊNCIAS

COSTA, . F. Resenha da obra: Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, de bell hooks. **REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA**, [S. l.], v. 13, n. 31, p. 949–957, 2021. DOI: 10.58422/repesq.2021.e1182. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1182>. Acesso em: 23 fev. 2025.

CAMPOS, Júlia Maria de Oliveira. O **pensamento político-pedagógico de Bell Hooks para a educação em direitos humanos**. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2023.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire e Terra, 1996.– (Coleção Leitura)

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. Ubuntu: filosofia africana e o conceito de humanidade em sua essência. Geledés, 27 jul. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

HERMES, E. S.; ALMEIDA SILVA, D. “I BELONG TO THIS PLACE OF WORDS”: MEMÓRIA, PERTENCIMENTO E ESCRITURA EM BELL HOOKS. Revista de Literatura, **História e Memória**, [S. l.], v. 15, n. 25, p. 117–129, 2019. DOI: 10.48075/rlhm.v15i25.21116. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/21116>. Acesso em: 1 jul. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade/ bell hooks**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla.- 2.ed - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática /bell hooks**; tradução Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019

LADEIRA, Thalles Azevedo; INSFRÁN, Fernanda Fochi Nogueira. A pedagogia engajada e a práxis da transformação do mundo – um ensaio sobre a educação libertadora. **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 22, 24 de setembro de 2019.

Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/23/a-pedagogia-engajada-e-a-praxis-da-transformacao-do-mundo-r-um-ensaio-sobre-a-educacao-libertador>. Acesso em: 07 jul. 2025.

MACHADO, Lucas Antunes; KRIEGER GROSSI, Patrícia. O projeto ético-político de bell hooks para a educação:: contribuições ao campo da Educação em Direitos Humanos. **Educação**, 46 (1): e42825, 2023. DOI: 10.15448/1981-2582.2023.1.42825.

Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/42825>. Acesso em: 18 fev. 2025.

MARINHO, C. . bell hooks:: pedagogia engajada, pensamento crítico e prática da liberdade. **Kalágatos**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. eK22016, 2022. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/8245>. Acesso em: 1 jul. 2025

PANIAGO, Maria Lourdes Faria. VIGIAR E PUNIR NA ESCOLA: a microfísica do poder. Itinerarius Reflectionis, Jataí-GO., v. 1, n. 1, 2008. DOI: 10.5216/rir.v1i1.182.

Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/20400>. Acesso em: 21 jul. 2025.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **E eu não sou uma intelectual?**: um quase manual de sobrevivência acadêmica. São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.

SAMPAIO, Isabela Perfeito. A influência de Paulo Freire na pedagogia engajada de Bell Hooks. 2023. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

ZACARIAS, Laysi da Silva. **Amefricanizando o amor: diálogos entre bell hooks e Lélia Gonzalez**. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília: Brasília, 2021.